

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 935	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Fogo Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Portugal (franco de porte, (m. forte)	36800	18900	5950	5120	30 DE DEZEMBRO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—		

Viagem de Suas Magestades a Inglaterra



OS MONARCHAS PORTUGUEZES E INGLEZES
(Clichés da Photographia Stuart, de Londres)

Chronica Occidental

Esteve Lisboa em festa no dia em que chegaram os reis de Portugal.

Assim devia ser. Elles que tão brilhante e carinhosamente foram recebidos em Inglaterra pelo rei Eduardo VII e em França pelo presidente Loubet, tinham direito a esperar que, de volta á patria, o povo portuguez, cheio de boas e legitimas esperanças, se mostrasse alegre em suas felicitações.

Ainda por muito tempo será esta viagem falada por motivo dos grandes festejos a que deu lugar,

e discutida pelas suas consequencias em que todos confiamos sejam da maior utilidade para o paiz.

Com esta esperança e avistando as nuvens a desfazer-se, entrámos nas lindas e ternissimas festas do Natal. Illuminaram-se á noite as egrejas onde se resou a missa do gallo, e n'aquella hora solemne em que foi entoado o *gloria in excelsis*, como ha desanove seculos o fizeram os anjos nos campos de Bethlem, haveriam os corações devotos de estremecer, pensando em quantas luctas ainda vão por esse mundo e quanto os homens estão longe d'aquella fraternidade que Jesus veio pregar ao mundo.

Esqueçamol-o ainda pelo tempo que nos levar a descripção de algumas alegrias que por ahi houve

e não devemos deixar de notar. Os mais pobresinhos tambem tiveram seu quinhão, e assim devia de ser, porque é d'elles o maior direito e pobresinho nasceu Jesus.

No dispensario da Rainha, no antigo convento do Sacramento, e com a assistencia da sr.ª D. Amelia, foi dado de jantar a muitas crianças, como tambem na Associação Protectora das Creanças e no Albergue das Creanças Abandonadas. Na Escola-Asylo Antonio Feliciano de Castilho houve arvore do Natal com brindes aos alumnos e muitas sociedades de beneficencia offereceram bodes aos pobres.

O peor foi o máo tempo e elle é culpado de muitos dissabores. Quantos não puderam sahir de casa! Quanto rapasito em ferias viu as nuvens

negras aguçarem-lhe, com máo modo e muito valentes aguaceiros, os melhores numeros do programma!

E se o máo tempo só tivesse tido d'estas pequeninas consequencias, bem iria; mas foi causa de terriveis desastres e contribuiu muito para aggravar as doencas proprias da estação.

Falleceram em Lisboa algumas pessoas conhecidas da alta sociedade: o Visconde da Graça, que fôra, em seus tempos de mocidade, muito dedicado ás toiradas, em que algumas vezes o vimos como cavalleiro distincto; o Conde de S. Miguel, que durante annos se dedicou á vida diplomatica, havendo sido ministro de Portugal em Berne, Haya, S. Petersburgo e Madrid; o tenente coronel de cavallaria reformado, Joaquim Emydio Xavier Machado, official illustradissimo, antigo collaborador das *Novidades*; o Visconde de Coruche, que tantos serviços prestou á agricultura nacional.

O mar tem promovido tragedias com seus temporaes e causado tambem varias mortes.

Em Espinho tem invadido a praia, destruindo muitas habitações. Já derrubou a torre da antiga freguezia. Muitos predios ameaçados, estão sendo demolidos por seus proprietarios para d'elles utilizarem os materiaes.

Na Figueira e em Leixões houve enormes desgraças, barcos virados, muitosapparelhos de pesca perdidos e muitas mortes, apesar da dedicação e esforço heroico de muitos que a propria vida arriscaram tentando salvar os pobres companheiros.

No Tejo, procedente da America, entrou desarvorada a barca portugueza *Africana*, que tentara lançar ferro na bahia de Cascaes. Mas a violencia do mar quebrou-lhe as amarras. Entrou então a barra, sendo-lhe prestado soccorro pelo rebocador da alfandega.

Não foram portanto sem lucto as festas do Natal.

Quem as teve boas, deveras boas, foi a politica portugueza. Esperam os ministros prolongar este reinado da paz, tendo dissolvido desde já as côrtes e procedendo depois a novas eleições.

Houve assim deputados — e quantos d'elles não voltarão! — que não chegaram a aquecer o lugar. Por tão pouco, não valia a pena. Ser *ex*, quando quasi não se chegou a ser, parece que não deve constituir ambição de ninguem.

O governo tem, segundo a lei, de fazer as eleições no praso de quarenta dias. Os que gostam de politizar já vêem que não lhes será grande a demora, e os que não desgostam d'um feriado extraordinario lá terão para depois do entrudo o que lhes roubam agora no dia 2 de janeiro. E' questão d'um simples addiamento.

Um pouco mais tarde do que se esperava, as grandes questões serão tratadas e outra vez voltarão a ser assumpto de todos os centros de cavaco, em que se reúnem politicos e financeiros, o julgamento do grande litigio entre fosforos e tabacos.

D'outras questões se tem agora falado que virão naturalmente a ser magnas, se o governo as puzer em discussão, avultando entre ellas a idéa de fazer de Lisboa porto franco, a qual já tem seus defensores.

Ainda com grande importancia se nos apresenta a desforra a tirar dos negros que junto do Cunene occasionaram o ultimo desastre das armas portuguezas.

O plano das projectadas operações e seu respectivo orçamento já foi apresentado ao sr. Ministro da marinha. A columna seria constituida por dois batalhões de infantaria e um corpo de infantaria montada, uma bateria de montanha e um esquadrão de cavallaria e as differentes secções de engenharia, telegraphistas, saude, etc.

A despeza total d'esta expedição diz-se que está avaliada em mil e oitocentos contos.

Diz-se, porém, á ultima hora, que toda a idéa de castigo aos cuamatas ficará addiada para mais tarde, quando com maior certeza de resultado e muito maior economia, elle se puder realisar.

Alguns jornaes da opposição já falaram — parece-nos que sem razão alguma — na sahida do sr. ministro da marinha. Se bem estudado o caso, o addiamento trouxe probabilidades ou certeza completa de exito, o addiamento impõe-se como absolutamente necessario.

Apesar da importancia do assumpto, outro muito mais tem occupado Lisboa, porque mais lhe toca pela porta. Devem ou não os electricos passar pelo Chiado? Até no proprio Chiado os lojistas parece não estarem todos de acordo a esse respeito. Favorece-os ou não a passagem? Destroem ou não a belleza da rua os postes de ferro que sustentam os fios? Para o publico em geral seria a passagem decerto muito vantajosa,

mas os commerciantes do Chiado não deixam de ter sua razão.

Mas ainda outro assumpto veio, por umas horas, fazer com que este fosse esquecido. Andou a roda. Por meia duzia de alegrias quantas decepções! E' certo, porém, que d'esta vez o acaso, o deus Acaso da cabeça leve, andou com muito juizo, distribuindo os cento e cincoenta contos por muita gente, pessoal das machinas d'um dos nossos navios de guerra actualmente em Africa. O portador do bilhete, que sahio de Lisboa horas antes de andar a roda, é que ainda não sabe que fortuna leva comsigo! São os outros que, prevenidos por um telegramma, lhe vão dar a boa nova.

Diz-se que tambem veio para Portugal um dos premios grandes da loteria de Hespanha. E', porém, falso que o feliz possuidor do bilhete fosse quem primeiro foi indicado, victima apenas d'uma troça de mau gosto.

Como sempre, começaram a procurar-se coincidencias curiosas, afinal muito facéis de achar. Mas é mania velha de jogadores. Todo o que meche em cartas ou em numeros e d'elles espera a fortuna, acredita em agoiros, em calixtos, em combinações; passa a vida a fazer calculos e a perder... mathematicamente.

O caso da loteria do Natal dá sempre aos jornaes um bom artigo; mas n'esta epoca os jornalistas deram mais que falar do que os proprios jornaes.

Effectuou-se no Colyseu o annunciado almoço a Magalhães Lima, que foi victoriadissimo, por mais de trezentos convivas ali reunidos n'uma manifestação de entusiastica amizade, que bem merece quem deu provas sobejas de seu excellenter caracter. Os brindes foram iniciados pelo dr. Alfredo da Cunha, seguindo-se-lhe muitos outros, todos enaltecendo as qualidades do festejado, que n'um discurso brilhante agradeceu.

Honrou-se um vivo; dias depois honrava-se um morto, Eduardo Coelho, o fundador do *Diario de Noticias*, aquelle a quem mais se deve a diffusão da leitura pelo jornal barato. O seu busto de bronze ergue-se agora na alameda de S. Pedro de Alcantara, em memoria do esforço d'aquelle que, de simples typographo, se elevou por seu trabalho a uma alta posição na sociedade portugueza.

Tambem Coimbra, terra de seu nascimento, lhe vae prestar homenagem com a collocação d'uma lapide, devendo a camara municipal dar a uma das ruas da cidade o nome do benemerito jornalista.

Muito merece Eduardo Coelho, decerto, muito mais até do que esta banal e facil manifestação em que são prodigos, tão fôra do senso historico e artistico, os vereadores portuguezes. Ainda ha dois ou tres dias as *Novidades* clamavam contra o abuso com que, ás vezes até sem que nenhuma razão clara o justifique, se mudam os nomes ás ruas. Mas parece que não vale a pena falar, que ninguem ouve. Quando se tratou de glorificar Serpa Pinto, Mousinho e ultimamente Garrett, commetteram-se verdadeiros crimes. Paciencia! Poupassem ao menos os homens de letras, poupassem ao menos aquelle que tanto ajudou, sem duvida, a espalhar o gosto da leitura.

João da Camara.

Viagem de Suas Magestades a Inglaterra

O governo francez, querendo dar sos soberanos portuguezes as ultimas provas de distincção especial, apesar do incognito da viagem, deu ordem para que o quarto batalhão do 4.º de linha, sob o commando do coronel Meuraut, com musica e bandeira prestasse honras reaes á chegada do comboio especial em Hendaya.

Ali esperavam Suas Magestades os prefeitos dos Baixos Pyreneus e Bayonne, o general de Clary, com o seu ajudante de campo, que saudou os monarchas, em nome do presidente Loubet.

El-rei apeou-se e cumprimentando o general e as demais auctoridades francezas passou em frente do batalhão, que fazia a guarda de honra, descobrindo-se deante da bandeira.

Foi em Hendaya que ficou o sr. Thomaz Rosa, nosso ministro em França, despedindo-se ahi dos monarchas.

O comboio seguiu por Hespanha á fronteira portugueza e em muitas estações foram saudados os monarchas.

Em Irun o governador civil cumprimentou os soberanos portuguezes, telegraphando ahi Suas Magestades ao rei e á rainha de Hespanha, ma-

nifestando o seu sentimento pela impossibilidade de se demorem e poderem saudar Suas Magestades hespanholas.

Na Pampilhosa, onde o comboio real chegou ás 9 horas da manhã de 20, os soberanos portuguezes eram aguardados pelo elemento official e camara municipal de Coimbra, deputações officiaes, Bispo-Conde, lentes da Universidade, etc.

A manifestação foi imponente, como imponentes foram as que fizeram a Suas Magestades no Entroncamento, em Santarem e n'outras estações do percurso.

As 2 horas e 10 miutos da tarde chegou o comboio real á estação do Rocio; um frémito de jubilo percorreu a numerosa assistencia.

El-Rei apeou-se e depois de beijar effusivamente sua augusta mãe e seus filhos, dirigiu-se com as rainhas para a sala D. Luiz, sendo saudado no trajecto com salvões de palmas e vivas, estendendo os estudantes do lyceu as suas capas á passagem de Suas Magestades.

A recepção a que assistiu todo o corpo diplomatico terminou ás 3 horas da tarde.

El-Rei respondendo á mensagem da camara municipal de Lisboa, disse «que lhe haviam sido extremamente gratas todas as demonstrações de amizade com que Suas Magestades os reis da Gran-Bretanha, Imperadores das Indias e o seu povo, o tinham recebido e a Sua Magestade a Rainha e com as quaes coincidiria um convenio de arbitragem, que mais veiu estreitar ainda a nossa antiga e tradicional alliança.

Muito agradaveis lhe haviam sido tambem as provas de affecto do Presidente da Republica e da nação franceza, durante a sua curta demora n'aquelle paiz.

Se da viagem agora concluida conservava no coração gratas recordações, grande era tambem o seu jubilo pelo regresso á patria, que tanto merece o amor dos seus reis, e profunda a alegria que sentia pela certeza de que todas essas provas de consideração e estima, que o foram tambem para o seu povo, eram por este apreciadas na mais alta conta, como lh'o testemunhava a mensagem da camara municipal d'esta cidade de Lisboa.»

No trajecto para o paço das Necessidades as saudações repetiram-se em muitos pontos, sendo das janellas deitadas flores sobre o *landau* de Suas Magestades, pelas damas que assistiam á passagem do cortejo.

El-Rei chegou ao paço das Necessidades depois das 4 horas da tarde, sendo ali aguardado pelos srs. duques de Palmella, Eduardo de Serpa inspector dos reaes palacios, dr. Mello Breyner, medico da casa real, etc.

A guarda de honra ao paço, era feita pelos alumnos da Escola do Exercito e pelos alumnos da Escola Naval.

O Collegio Militar, postado em frente da estação do Rocio, apresentou-se com o garbo de verdadeiros militares disciplinados e deu á luzida festa uma nota altamente sympathica.

As maifestações dos alumnos do lyceu, da Escola Academica e dos reclusos da Casa da Correção, foram outras tantas notas vibrantes de entusiasmo que aqueceram e deram realce á recepção imponente feita pela cidade de Lisboa a Suas Magestades.

Para festejar este regresso e para fechar com chave de ouro o curto periodo da sua regencia, quiz Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia, que fossem indultados alguns reus.

Este acto de levantada humanidade, que só o póde praticar o poder moderador, foi exercido para minorar a sorte de quatro desgraçados, que a clemencia da excelsa rainha foi arrancar aos carceres da penitenciaria, para os lançar nos braços de suas mulheres e de seus filhos.

Que sejam essas lagrimas de alegria e de reconhecimento, balsamo de regeneração para os criminosos e benções do ceu para quem sabe assim minorar as miserias da humanidade.

Na primeira pagina publicamos os retratos em grupo que os monarchas portuguezes e inglezes tiraram na photographia Stuart, em Londres.

Este grupo e mais uma prova da cordial amizade dos soberanos dos dois paizes, que se reflecte na solida alliança das duas nações.

NATAL

«Immerso em a bondade e paz constantes,
 «Ante longes auroras scintillantes...»

Manuel Mendonça d'Oliveira

Goivos

Com o nascimento de Jesus, de Nazareth, coincidiu um estado de paz no imperio de Augusto.

«Esta epoca, disse o immortal Bossuet no surprehendente *Discurso sobre a Historia Universal*, é a mais consideravel de todas, não só pela importancia de um tão grande acontecimento mas por servir ha muitos seculos de ponto de partida para a contagem dos annos entre os christãos; e é ainda notavel por ser simultanea com o tempo em que Roma volta ao governo monarchico sob o seprto pacifico de Augusto.»

Na luz plenissima dos factos consumados brilha com fulgor intenso a pacificação do mundo romano, na hora em que na Palestina paria um filho singular uma mulher do povo,

«Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est.» E' esta a legenda que se lê na gruta de Belem onde rompeu para a humanidade o Sol do Natal!

Inextinguível Sol! por que não obstante a guerra mergulhar no luto e na dôr milhares de familias, innocentes das ambições e dos desmandos que se têm produzido e se estão produzindo á luz de outro sol, simples astro, não obstante a cegueira das paixões que a desencadeiam, é já licito á consciencia humana confessar-se livre, á mulher firmar-se em seu pedestal de filha, esposa e mãe, e á propria vida attribuir-se um direito inalienavel, exigir-se respeitada.

«Mas tu, Jesus, podes tudo!» direi com o fallecido Thomaz Ribeiro nos *Sons que passam*, podes revolver completamente os corações dos homens contra as empresas guerreiras como revolveste as instituições antigas, insinuando nas sociedades o divino preceito do amor!

Em *O Cancioneiro* de João de Lemos, a proposito do Natal em Roma, ha este desferir de cordas de alma:

«Gloria a Deus nas Alturas.

Paz aos homens na terra!

Foi, pois, a boa nova, a luz, a esperança.

Annunciada emfim!... Hoje a repetem.

Apoz deoito seculos, n'esta hora,

Mil sacerdotes a milhões de crentes!»

Preciso é portanto, que em nome de Jesus, o fundador do Christianismo, nós que nos dizemos civilizados porfiemos em fazer ouvir a *Boa Nova* em todas as regiões do Globo, muito principalmente n'aquellas onde em vez de irmãos nossos se abraçarem na lei de fraternidade proclamada por Christo, cruzam armas homicidas, trucidam-se uns aos outros!

Dia de Natal, é dia de paz nos fastos da Terra, e importa consagral-o por obras pacificas,

«O problema da paz, escreveu ha pouco Cezar do Inso no *Prologo* de um livro interessante, *Guerra á Guerra*, é o primeiro problema do seculo.» Existe porventura alguém, dotado de bom senso, capaz de pôr em duvida que assim seja?

Colaborando no empenho pacificador, não estaremos com o nascido na gruta de Belem?

«Amae-vos!» disse elle mais tarde, e n'esta só palavra consubstanciou mais doutrina, definiu mais conceitos que todos os philosophos e sabios do mundo em todos os seculos passados e futuros.

«As gerações que te precederam, oh! Jesus, e a que te rodeava, exclamou Alexandre Herculeno, n'um momento de feliz inspiração, estavam como um cadaver gangrenado: a civilização era um ouropel, a vida um materialismo insensato. A sociedade fôra até á tua vinda uma mentira; um engano cruel continuaria a ser, se tu, oh! Christo, não tiveras vindo para a transformar com a tua sabedoria celeste. Quanto hoje é gloria dos grandes povos, tudo tu viste nascer da tua palavra; o facho que accendeste, foi que alumiou o mundo. Hoje, senhor, a historia humana vem confirmar todos os dias a tua historia divina; a philosophia actual ergue sobre as ruinas dos systemas passados o labaro da tua philosophia.»

Cumpre-nos valorisar tão profundos assertos, e iniciar a infancia na celebração do Dia de Natal, para um certo esforço e diligencia amoveis, reflectindo-se desde já em seus brinquedos e em seus anélos.

Proceder d'este modo, será preparar o dia de amanhã com segurança de bom fructo.

D. Francisco de Noronha.

A IMMACULADA CONCEIÇÃO

Quadro de Murillo

E' uma estampa duplamente apreciável aquella com que hoje se opulenta o OCCIDENTE. Reproduzida de um dos quadros mais conhecidos de Murillo, o grande mestre da escola sevilhana, deve admirar-se não só como uma obra prima da arte religiosa, mas ainda como uma synthese d'esse dogma ineffavel e indefinivel, cujo cincocentenario se completou n'este anno.

A Virgem da Conceição tem inspirado muitos artistas celebres. São numerosos os quadros notaveis, tendo por assumpto esse mysterio tão idealmente christão. Em todos apparece o typo, quasi ritual na pintura e imaginaria religiosas, da Virgem de tunica branca, manto azul e cabellos cahidos. O mesmo artista fez varias copias de um dos seus quadros; outros variaram infinitamente a posição, o typo da figura e o numero dos attributos.

Mas não ha duvida que Murillo representa a ultima evolução possivel da forma artistica dentro da pintura religiosa.

No Museu do Prado de Madrid existem quatro télas de Murillo representando a *Conceição*. Admiram-se sob os n.ºs 877 a 880 do respectivo catalogo. O erudito academico hespanhol D. Pedro de Madrazo descreve-as pela seguinte fórma:

«877 — A *Conceição*, com anjos que ostentam varios attributos da Immaculada. — Quadro do melhor estylo do pintor. Pertenceu á collecção de D. Izabel Farnesio e veiu do palacio de Santo Ildefonso. Tem 0^m,96 de altura e 1^m,44 de largura.

«878 — A *Conceição*. — Enriquecem o throno de nuvens da Immaculada quatro formosos anjinhos, que ostentam ramos de açucenas, rosas, palma e oliveira, symbolos ou attributos da Mãe de Deus. — Figura de tamanho natural. — Quadro do estylo chamado *vaporoso*. Pertenceu á collecção de D. Izabel Farnesio e veiu do palacio de Santo Ildefonso. Tem de altura 2^m,06 e de largura 1^m,44.

«879 — A *Conceição*. — A lua na parte inferior. Fundo de gloria com tres cabeças de seraphins a cada lado. Meia figura, tamanho natural. — Quadro da melhor epoca do auctor. — Pertenceu, como os anteriores, á Collecção de D. Izabel Farnesio, e veiu do palacio de Santo Ildefonso. Tem de altura 0^m,91; de largura 0^m,70.

«880 — A *Conceição*. — Tem a Immaculada como escabello cinco formosos anjos, dois dos quaes ostentam uma palma, um ramo de oliveira, rosas e açucenas. — Figuras de corpo inteiro e tamanho natural. — Quadro do estylo chamado *vaporoso*. Veiu do palacio de Aranjúes em 1816. Tem de altura, 2^m,22; de largura, 1^m,18.»

Os quadros n.ºs 878 e 880 tem sido reproduzidos, especialmente o primeiro, por todos os processos conhecidos. A gravura, a lithographia e a photographia tem-n'os vulgarisado infinitamente. Mas, quanto mais conhecidas são essas obras primas, tanto mais apreciadas.

Quem entra no Museu do Prado, encontra estas duas télas collocadas a meio da parede do lado direito na sala principal. Estão perto uma da outra. Os typos da Virgem são diferentes. O vulgo distingue-os pela *rubia* e pela *morena*.

Effectivamente, Murillo deu a uma cabellos louros; á outra cabellos escuros. Os rostos formosos são igualmente angelicos, divinos. A Virgem de Judá era morena, exclamam os entendidos; e, discutindo a côr dos cabellos, opinam que deviam ser pretos. Acham até que os cabellos louros tornam menos divina a figura da Rainha dos Anjos.

Junto das preciosas télas estão sempre artistas, senhoras e homens, tirando copias a oleo ou a aguarella. Algumas d'essas reproduções ficam na verdade dignas do original e vão figurar em outras galerias nacionaes e estrangeiras, representando um dos primores do pincel de Bartolomé Estéban Murillo.

Este grande artista nasceu em Sevilha a 1 de janeiro de 1618 e falleceu na mesma cidade a 3 de abril de 1682. E' considerado o verdadeiro principe da escola sevilhana.

Esteves Pereira.

A NATIVIDADE

Quadro de Corregio

Foi Alberto Pratonero de Reggio que em 1522 encomendou este celebre quadro da galeria de Dresde.

O maravilhoso effeito de luz, o vigor do collogido são qualidades superiores que distinguem este quadro e denunciam o seu auctor ao primeiro golpe de vista, para os que conhecem o estylo de pintura de Corregio.

Um outro quadro de effeito de luz e composição parecida é o de S. Jeronymo, do mesmo auctor e ao que parece foi feito para *pendant* com aquelle.

A differença n'este quadro é que o effeito de luz é natural, emquanto no da Natividade a luz dimana toda do pequenino Jesus, irradiando pelo quadro, illuminando todas as figuras com rara magia.

Sobre este quadro diz a tradição que Corregio, levado pela necessidade, o cedera por 40 escudos, a quem lh'o encomendou. Esta lenda, porém, é destruida em presença de um documento achado ha tempos e que resa ter sido pago por 208 libras, moeda de Regio, equivalente a 525 francos, approximadamente, ou 105.000 réis de moeda portugueza, o que no seculo XVI representava uma somma avultada.

De todos os quadros do nascimento de Jesus, dos mestres, este é certamente o mais prestigioso, e um dos melhores do inspirado artista.

UM PAR DE BOTAS DE BARCA

POR

Ludwig Nötel

Decorrido um anno

(Concluido do numero 935)

Ao meu generoso hospedeiro tocar-lhe-á apenas, em paga da sua generosidade, tres vezes nada coisa nenhuma, porquanto, a nao serem as minhas botas á Cromwell, que desempenhariam na minha vida papel tão precioso, nada mais deixo n'este mundo — salvo, todavia, dois programmas de espectáculo, onde vem impresso o meu nome na qualidade de actor, em excursão professional, e nos respectivos papeis, primo: «Tenente Rei, em Hildesheim, onde em tempos exerci as funções de director, e de Carl-Moor, em Achem, onde não pude continuar a representação, pelo facto de, conforme, alegaram miserandos noticiarios:— haver estancado a sede em quanta fonte existia por ali, bebendo assim a morte, visto haver sido previamente envenenado com rhum a agua.

E assim que eu houver cerrado os olhos para sempre, procura-lo-á ao senhor, artista tão festejado, actualmente, esse honrado camponês, portador dos mencionados objectos, a saber: o programma e as botas á Cromwell, a dar-lhe posse das mesmas, e a proceder á cobrança da quantia de 3 thalers, representando o debito em que o meu nobre amigo se acha para com a minha pessoa, quantia que eu transfiro para o sobredito individuo, com o incargo de tratar dignamente da minha côva, a fim de que — dado o caso de que um dia o meu digno amigo se lembre de vir deramar uma lagrima sobre a minha sepultura, — ella o não tenha que invergonhar-se perante tão respeitavel visita.

E sem embargo, sinto que cumpro um dever restituindo-lhe as mencionadas botas, experimento indisivel satisfação, á hora da morte, em saber que volta a estar de posse de uma joia, a qual, e conforme me assiste a convicção, concorreu a aplanar-lhe a estrada da fama e da grandeza. Não pôe na sua ideia a angustia que me causou o lêr, que o meu nobre amigo se estreára no papel de Wallenstein e que nao trazia calçadas as acostumadas, e já agora tradicionaes, botas á Cromwell!

Representará aliás para o meu amigo um legitimo descargo de consciencia o saber, que me satisfiz o remanescente da sua divida, e que eu me apartei deste mundo, com uma benção nos labios!

Desejo-lhe uma longa e feliz vida, e lembre-se

sem rancor, do pobre, desvalido, vagabundo, e a estas horas falecido, pássaro de arribação,

Wüstenfeld
 Agitador de fóles — a — o
 Candidato á morte — p — o.

Post-scriptum :

Agora mesmo, dispanha-me eu a fechar a carta,

não se acha saldada! Isto porém não lhe deve dar cuidado! E, com respeito ao excesso de 6 thalers, considere-o como juros, pois levou tempo e não pouco a saldar a quantia. A coisa ia-me já custando a roer!

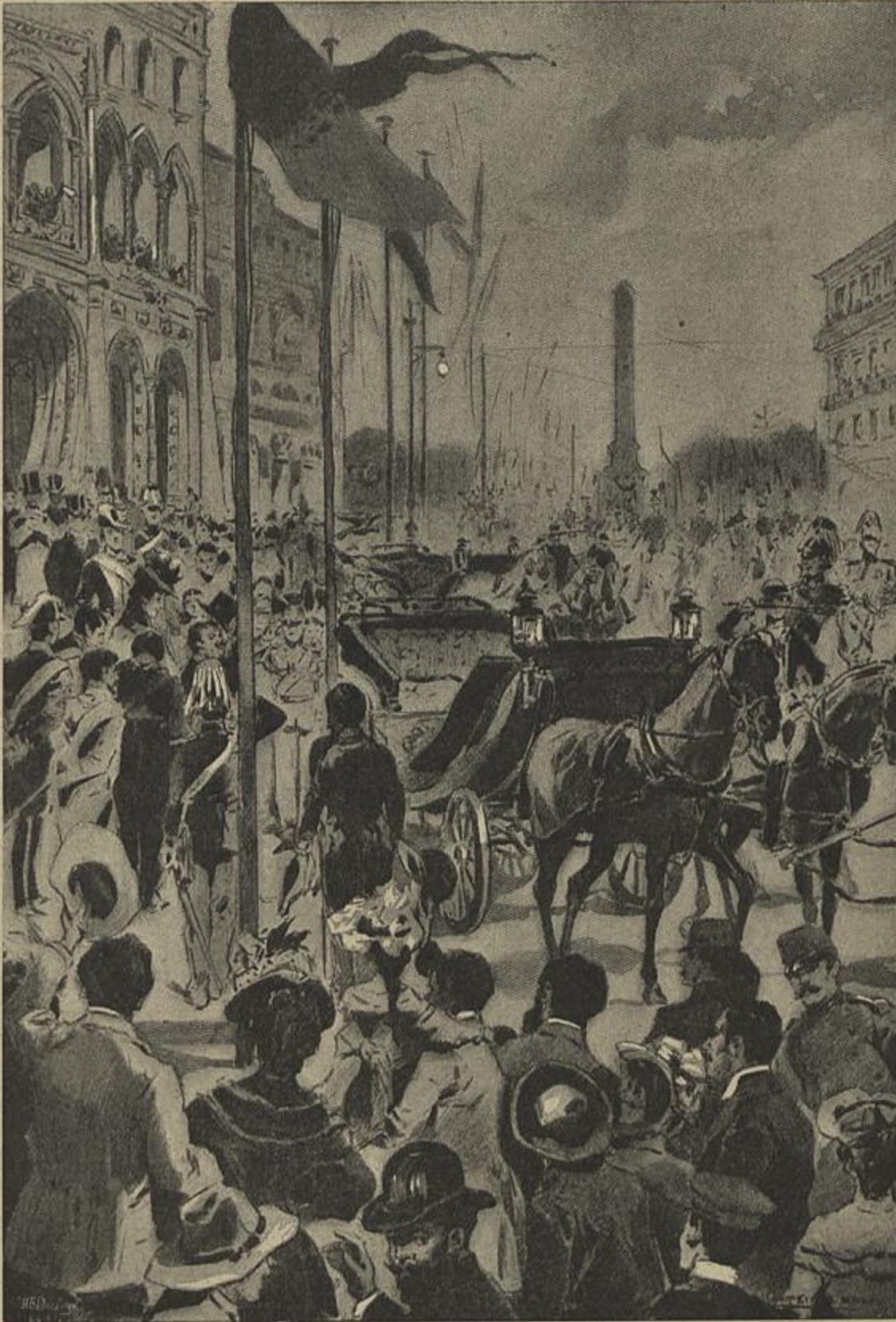
Sempre dedicado etc.

E eis a carta que o homem me entregou; abri

destituído de importancia, será para mim sempre inolvidavel como protótypo de um genio desprezado, vagabundo, pervertido. Paz ás suas cinzas!

O meu amigo fôr-me-á a justiça de acreditar que, não me limitando a cumprir os ultimos desejos do moribundo, contribuirei de meu mutuo proprio com algum dinheiro para ornamentação da sepultura do malogrado actor, e sem me deter

Viagem de Suas Magestades a Inglaterra



REGRESSO A LISBOA — SS. MM. EL-REI D. CARLOS E RAINHA D. AMELIA SAHINDO DA ESTAÇÃO DO ROCIO

quando, ao tirar da carteira os mencionados programmas de espectáculo, incontrei casualmente a conta do sapateiro, á qual tanta vez me referi na sua presença.

Com grande espanto da minha parte, vim no conhecimento de haver seguido por caminho errado, afirmando terem-me custado as botas 16 thalers — quando effectivamente me custaram apenas 10!

Fiz confusão, provavelmente, entre a cifra e o seis, e, circumstancia não menos notavel — a conta

o embrulho e, para lhe fallar verdade, um tanto commovido, contemplei as decantadas botas, companheiras durante largos annos das minhas inumeras peregrinações artisticas, e que tão bom serviço me haviam prestado; arrecadei-as no meu armario, e comquanto, dadas as minhas actuaes funções, dellas me não posso utilizar, conservas-as, porem, como precioso monumento memorativo dos meus annos de tiroricinio e de viver accidentado, e como recordação de um homem, o qual, supposto que, por si proprio apparentemente

por mais tempo a historiar as peripecias da vida de Wüstenfeld, delegarei no seu talento o incargo de as transmittir ao publico, sob forma mais consentanea.

Assim que se achar impresso o seu trabalho, pedir-lhe-ei, queira mandar-me um exemplar.

Amigo dedicado.

Johann Ludwig.

Manuel de Macedo.

NATAL



CORREGIO. PINX.

A. HADAMARD. DEL.

J. REGNIER. SC.

A NATIVIDADE

(Quadro de Corregio)

PORTUGAL ANTIGO.

Nuno Alvares. — Na Flôr da Rosa

AO SR. CONDE DE VALENÇAS

I



DEMPOS! Tempos! *Tempus qui vadit non redit.* Lembraes-vos do Salado, fr. Gonçalves? — E dando um passo para a frente e agarrando no braço do velho freire e com panheiro d'armas, o D. Alvaro Gonçalves, apertou-lhe com força a larga e cabeluda mão, dizendo com a voz alta e vibrante ainda—aquella voz alta e vibrante,

que se ouvira outr'ora nos campos de batalha.

— Nôs fomos homens!

O rei Affonso era um homem.

— E ainda o sois também D. Alvaro, observou o velho aio de D. Nuno — estendendo o braço, já livre do rude impeto de saudade e do orgulho do D. Prior.

Houve um momento em que aquelles dois homens de guerra — verdadeiros homens de ferro — se contemplaram silenciosos, fitando-se, com o olhar immovel; mas era para dentro de si que elles miravam: reviam na sua retentiva e vivaz d'uma raça mais forte — o seu passado, tão diverso do presente, nelles e nos outros. — Espectaculo o mesmo agora e então, tragedias, dramas e comedias nos campos de batalha e nas cortes — mas as outras, as antigas, muito maiores no scenario, e sobretudo nas personagens. A invasão sarracena a eterna ameaça dos moiros d'Africa, essa terrivel visão dos estandartes do Propheta e das suas hostes correndo e talando os campos da Peninsula — Affonso IV, o Bravo, tão dessimilhante dos seus paes — o famoso rei D. Diniz, o poeta e o lavrador, e a Santa Rainha Isabel — a batalha do Salado — feito rio de sangue — a generosidade de Affonso — a *Collo de Garça* e a sua morte — as furias e a crua vingança do principe depois rei D. Pedro — o supplicio dos assassinos em Santarem!

Mas, de tantas tragedias a que assistiu e de que guardara memoria, nenhuma lhe fizera impressão tão grande e tão funda como a do Salado — a ultima lucta, furiosa e decisiva, da longa serie de investidas do Islamismo contra os christãos. A mole enorme da moirisma a grita immensa, rouca e confusa de tantas tribus á quem e de além mar, que a guerra santa para ali convocara, as consequencias terriveis da victoria, se ella pendesse para a meia lua do Islam, tudo isso, além do perigo pessoal, então o animo dos mais valentes naquelle dia 28 de outubro de 1340, nos campos de Tarifa, mas a figura arrogante do rei portuguez, rodeado dos seus ricos homens, dominava tudo; a sua attitude de indomita, de leonina braveza.

— Aquella do Salado foi das grandes! — Disse com

voz grave o D. Prior. Nunca mais voltaram, nem é de esperar que elles voltem! — accentuou elle com tom prophetic.

E o velho guerreiro, avançando até meio da vasta quadra, estacou, e fazendo com a mão direita um gesto de alto a baixo, como para accentuar o que ia dizer, proseguiu:

— Estou vendo tudo — todo o campo da batalha e o rio, e a serra fronteira, e o rei, quando mandou accommetter.

Tinha que vêr — era um homem! Elles, os perros, de Mafamede, não haviam conto, com as suas fotas de côres, vermelhas, azues, os fluctuantes albornozes, as lanças compridas, e os alfanges lampejando no ar, largos, e recurvos como a meia lua dos seus pendoes, correndo e investindo deitados sobre os cavallo, furiosos, sem medo da morte. Davam gritos, uivavam como lobos! E feios então! E negros, e tismados, Santo Deus! pareciam saídos do Inferno! Eram os marroquis — que os finos, os arabes de raça alguns eram lindos homens. Assim como nos estavamos ali, os de Hespanha e Portugal, assim era ali a moirama em peso! Parecia tel-o adivinhado elle, o rei, quando no conselho de Sevilha disse, em tom fero e altivo, aos castelhanos, um pouco indecisos:

— Quizera encontrar aqui reunidos todos os inimigos da nossa Fé, para de vez acabar com todos elles!

Nôs tínhamos, entre todos, talvez quarenta mil — elles eram... Uma nuvem! Cobriam quanto se via!

— Vamos travar a batalha. Entendia-se-lhes já a algaravia, rouca, aspera, e aguda, dos scheiks...

II

N'este ponto da narrativa souo de repente ao longe, na campina, o galope desfechado de muitos cavalleiros, em tropel.

O D. Prior fez um gesto de suspensão.

— Ah! São elles... Em bem cheguem!

Não são estes agora os marroquis de que falavamos, os do Salado, com a sua aravia; estes são outra gente, gente portugueza, gente de Christo, e também brava como os d'então. E' o meu Nuno e os seus companheiros!

— E' elle, o Nuno — não pôde ser outro, D. frei Manuel. Aquelle correr é d'elle. Viu-nos aqui, e quer-nos mostrar que já é cavalleiro.

— Tem a quem sair, D. Prior. N'isso e n'outras coizas...

Na physionomia de D. Alvaro Gonçalves — era elle, o Prior do Crato — succederam-se duas expressões — um sorriso, e logo após uma contracção dos musculos da face.

— Um bello e bravo moço! — continuou D. fr. Manuel. Mette a todos no coração. Mas também me parece que nao será dos que se deixam metter na algibeira. Aquelle olhar agudo, e aquella cabeça levantada — são signaes certos dos que nasceram para mandar. Já o tendes visto na

caça. Deus nos dê vida para o vermos medrar na guerra.

— Sim, sim, Deus vos oiça. E que seja em bem.

E trocando estas palavras os dois interlocutores, encostados á larga janella gothica da residencia do D. Prior, tinham os olhos fitos em um cavalleiro, que outros de longe seguiam, e que á galope desfechado cortava a campina em direcção ao mosteiro.

— Ih, Jesus! — gritou D. Frei Manuel. Lá salta o fosso! E o velho cavalleiro levantou os braços e recuou, como se o perigo fosse para elle. Depois voltou-se para D. Alvaro Gonçalves, encarando-o. O Prior ficára impassivel.

— São livros de cavallaria, que o Nuno anda compondo... em acção — disse elle.

E os dois, agora silenciosos, saíram da janella, cruzando lentamente a vasta quadra, assistencia habitual do velho fidalgo.

Não esperaram muito: na larga escadaria, que vinha para os aposentos senhoriaes, sentiam-se já os pés do recém-chegado.

— O dermo do moço tral-os a quatro, os degraus!

— Pernas de galgo — observou o velho aio.

— E cabeça de vento!

Estavam no meio da vasta quadra contra a porta, fronteiros ao vasto patamar de lagedo.

A figura do joven cavalleiro, surgiu-lhe de repente, firmando-se n'um pé, e levantando-se todo, de modo a parecer mais alto, quando surgiu. Vinha como n'uma investida de guerra, e estacou, ao dar com os olhos nas duas figuras que o esperavam. A gorra já a trazia na mão; e principiando logo a inclinar-se, dirigiu-se para o D. Prior.

— Com que, senhor dom cavalleiro, quereis acabar com a flôr da minha coudelaria! Virão por ahí os castellaos, e teremos de os ir receber montados em mulas! Será formosa a cavalgada! Que dizeis a isto D. Frei Manuel?

As palavras pareciam de senhor agastado, os olhos eram de pae embebeçado.

O moço com effeito, era uma flôr! — Flôr do campo, um pouco agreste mas flôr fidalga. Alto, esbelto, e flexuoso, todo elle era nervos e musculos. Os cabellos fulvos — crespos, emmolduravam a fronte arejada, o rosto comprido e secco de carnes, os olhos azues escuros, olhos dando todas as gradações, todos os tons da expressao — a suavidade do amor, os impetos da ira, e o vago do scismar de certos temperamentos... o nariz levemente aquilino, fino, as narinas de uma mobilidade que a respiração, apressada pela ascensão da alta escadaria, mais avultava. Uma barba mesclaça, o frouxel da puericia, cobria-lhe as faces, as maos alvas, compridas e bem desenhadas.

Todo o conjuncto da figura respirava a força e a energia d'uma raça forte e valente. Vinha de



FLÔR DA ROSA

bom tronco o rubusto D. Alvaro Gonçalves; fóra um dos bravos companheiros de Affonso IV na famosa refrega do Salado, e lá se distinguira á sua espada no meio das hostes sarracenas. A estatura e a corpulencia athleticas do pae contrastavam com a esbelta elegancia do filho, mas as feições eram as mesmas e a expressáo serena e altiva da superioridade lia-se por igual nas duas physionomias. Eram ambos bem da sua raça e do seu tempo os bravos cavalleiros.

— Senhor meu pae, daes-me licença que vos beije a mão, que eu depois direi de mim.

Os dois braços do prior do Crato abriram-se para Nuno Alvares, e cingiram-o e depois as suas mãos fortes e rugosas, correndo ao longo dos do filho, ficaram-lhe segurando as mãos, enquanto, afastando-o um pouco de si, elle mirava o moço fidalgo, como revendo-se na sua obra. Era um dos mais novos dos mais queridos dos seus trinta e dois filhos — o seu Benjamim.

— Olhae, senhor meu pae, que me fazeis doer. Julgae talvez que estaes apertando o punho da vossa espada!

— Pois esta agora! — O' D. Frei Manuel — Hein! não me está este ruim gamenho a dizer que lhe faço doer as mãos! E que saboroso que elle vem no seu dizer! Torneou o reparo, reterendo-se á força das minhas cutiladas! Bem se vê que vem da corte, e de lidar com cortesãos. Tem graça, tem. O senhorito vae de upa em upa. Já lá o estou vendo d'aqui a pouco em justas e torneios, correndo lanças com portuguezes e castellãos, se é que...

— Agora — se me daes licença — entro eu a falar, e respondo ás primeiras palavras que vos ouvi.

— Dissestes que eu queria acabar com a flôr da vossa coudelaria... Gracejo foi da vossa parte, que bem sabeis que eu tal coisa nem por pensamentos...

— Mas o que vós não sabeis é que aquelle cavallo, que hoje é meu, e vosso tambem, ainda ha pouco outro se dizia seu dono...

— E como foi isso, Nuno? Comprastel-o? Foi dado? Estou curioso de o saber, porque não é um animal commum o que nós vimos assim correr e saltar! O fosso ninguem até aqui, que eu saiba, o salvou d'um pulo!

— Passei-o eu observou fr. D. Manuel no *Tarik* — aquelle arabe, que me veio de Sevilha — mas cahimos os dois. Não vos lembraes D. Prior?

— Lembro, lembro, e por signal que o resaibo nelle foi tal que quando um dia eu o montei e quiz repetir o salto, elle negou-se e não houve ferro nem varas, que o fizessem obedecer. Quiz até sacudir-me da sella, que era uma rija sella alvarenga, como a em que montava o infante D. João, quando o urso o ia matando n'aquella caçada da Beira. Mas venhamos ao caso. Continuare, senhor D. Nuno, estou gostando de vos ouvir.

— Vinhamos nós de volta de Lisboa trazendo na companhia aquelle bom parceiro, que lá está em baixo de quem já sou amigo e que, ha pouco vistes correndo de par comigo, quando encontramos um alegre bando de moços fidalgos que seguiam de Lisboa caminho de sua terra, *y á la fe vos digo que eran buenos muchachos, de buenas costumbres. Hablámos de muchas cosas, e comemos juntos na pousada, estalagem de pouca coisa, mas não havia melhor, porque não havia outra no logar. Fizemos bom rosto á má fortuna. Moços e cavalleiros — conversa de cavallarias. Histórias — casos antigos e novos — lá nas Castellas e cá n'este rincón, como elles dizem, e gabos de cá e alabanzas, de lá, e por ello e por ella assim fomos discorrendo, de forma que muito a bem e em mansa paz combinámos um torneio, para passarmos o resto do dia, e divertir a gente da terra. O tavolado estava armado, e como quem dizia já á nossa espera. Servira havia pouco para jogos d'outros cavalleiros, que allí vieram fazer suas provas. Lanças para quebrar não traziamos nós nenhuma, mas achamos lá umas dos taes, e nos serviram á maravilha. E como um dos castellãos, o mais revoltado e rebollão de todos, que foi o meu contendor, era de mui grandes prosapias, fez aposta comigo e empenhou n'ella um dos seus melhores cavallos — aquelle em que elle montou para justar comigo. E vae eu, á quarta lança rompida, dei-te-o fora da sella!... E aqui tem, senhor meu pae, como o castellão perdeu a flôr da sua coudelaria — dizia elle — e repito eu, que já o experimentei.*

— E como o cavallo é tambem castellão, que-rias dar cabo d'elle, antes de eu o ver?!

— Eu digo, senhor meu pae, vinha eu imaginando

— Sempre a imaginar! — observou o D. Prior.

— Nas cavallarias, de certo.

— Não disse bem, vinha pensando...

— Ah! isso agora, sim — isso é outro falar. Muita imaginação faz mal ao juizo.

— Pois vinha eu pensando nas coisas que vira além, onde estivera, e o joven fidalgo fez com a mão um gesto apontando para traz de si, e deitando uma mirada de intelligencia para os olhos do pae, quando, elle, como animal de sentido, percebendo que eu ia distraído e talvez para ver quem era o seu novo dono se poz de repente a brincar, mas fel-o com tal viveza, que bem pudera dar comigo em terra. E como não deu, para que soubesse com quem as havia, cheguei-lhe de logo os acicates. Então é que foi vel-o! Aquillo era para os vossos tempos! Fez tudo quanto sabia e podia, para me deitar fora, mas nem as pernas, nem os acicates me foram falsos! Ha-de estar roçado d'elles... E não esquecerá tão cedo a licença!

— E o vosso companheiro, e amigo novo, tambem foi na justa?

— Senhor, sim. Valente mantenedor, que elle é, e parceiro leal na lide. Aquelle tropear que se ouve lá no terreiro, é elle decerto a experimentar tambem o nosso andaluz. Tem licença minha, que m'a pediu.

— Ide entretel-o, D. Frei Manuel, e dizei-lhe da minha parte que fique. E passará o dia, e comerá commosco, se assim o quizer.

O rumor das vozes dos cavallariços em baixo, no pateo, ia crescendo e o tropear do cavallo no terreiro tambem. Pagens e moços, faziam-lhe praça, e gabavam, entre si, o cavallo e o cavalleiro, que lhes estavam provando merecerem os elogios, que Nuno Alvares acabava de lhes fazer.

— Pois sim, sim — interrompeu o D. Prior, elles estão gostando de o ver pular, mas estão-n'o cantando, e eu quero vel-o ainda um pouco saltão. Nuno, vae em baixo, e diz ao teu companheiro que eu folgarei muito de o ver. E' moço, e bom cavalleiro, e eu ainda gosto de os conversar.

E aos saltos, agil como um corço, se partiu o gentil cavalleiro, pela larga escadaria, trauteando um saboroso refrão de Castella.

5 — Setembro — 1901

Zacharias d'Oaça.

Regresso ao lar

Chegára o dia de Natal. A' casa do honrado lavrador Balthazar chegavam os convidados. Logo de manhã viera o primo Alexandre, um grande caçador que tinha fama pelos arredores, com varias perdizes mortas pela sua infallivel espingarda. Ficou deveras contente a cosinheira por assim apresentar mais alguns pratos variados e tornar evidente os seus meritos culinarios.

— Que dorminhocos são estes, ainda ninguem a pé!... entao foi grande a noitada! toca a saltar, senão começo com um tiroiteio que julgarão todos de novo rebentar a guerra da Maria da Fonte.

Estas palavras eram pronunciadas em alta voz pelo primo Alexandre, á porta do quarto de cada um.

Não foi preciso dizer mais, para n'um momento todos apparecerem sahindo dos quartos, ainda estremunhados.

— E' o Alexandre, dizia o Balthazar compondo a gravata; logo percebi quem era o auctor de tal interneira.

O primo porém continuava no seu aranzel:

— Se d'aqui a uma hora não estiver já tudo armado e equipado, (esta phrase tinha elle aprendido quando fora militar) faço o dito verdadeiro. Francas gargalhadas acolheram as palavras do primo Alexandre.

— Vão fazendo troça vão, julgam que não serei capaz de o fazer. E dizendo isto foi pedir á cosinheira lhe arranjasse alguma coisa para matar a fraqueza.

Perto das 10 horas chegaram em carro de bois as manas do Balthazar. Mal se ouviu o pesado rodar do vehiculo foi geral o alvoroço de todos e grande gaudio para os pequenos que saltavam e pulavam de contentamento. A filha mais velha já com a sua *toilette* acabada, desceu pressurosa a escada com uma cadeira, para ajudar a descer do corrião as tias, que já não sentiam o pé muito leve para aquelles comettimentos. Logo a seguir vinha o Balthazar, a esposa, emfim todos que n'aquella hora allí se encontravam.

O tempo estava sereno, fazendo porém bastante frio; as arvores despidas do seu manto de verdura tinham um tom triste e monotomo.

Entretanto as senhoras apearam-se, entrando em casa seguidas por numeroso acompanhamento; fechava este cortejo familiar duas pessoas

sobraçando enormes condêças. Uma era a creada e outro o abegao das respeitaveis manas do Balthazar.

D'alli a pouco d'aquelles cêstos de verga mui bem trabalhados, sahia uma avalanche de doces de varias especies, que mais vieram abastecer a copa.

Tornou-se geral a animação, os ditos esfusiavam pela mais pequena peripecia; rindo todos com grande entusiasmo. Porém, o chefe, da familia que até allí estivera tao alegre e folgazão, apresentava agora o semblante triste e acabrunhado, conservando-se silencioso, encostado ao espaldar da cadeira de couro antiga e pregaria amarella. Todos que estavam presentes logo advinharam a causa de tal trizeza.

O seu pensamento voava para o filho que um dia, n'uma seria questão, pozera fora de casa; d'esde então nunca mais o tornára a ver, já ia em dez annos. Soubera-se vagamente que partira para o Brazil por conta d'uma grande companhia. Nunca mais aquella alma socegára, o remorso apoderára-se d'elle e allí no meio d'aquelle bem estar, ainda mais desejo tinha de o tornar a vêr.

Como elle amára a mae e a irmãzinha e que cruel foi o golpe que soffreu quando ella partiu para a eternidade. Convem explicar que a questão que motivára aquella separação, fóra o pae, passado annos, querer contrahir segundas nupcias com a sua actual esposa. Andando deveras influido com aquelles novos amôres, entrou a detestar o filho quando elle lhe observava que procedia mal não resqueitando a memoria d'aquella mae tao carinhosa.

Balthazar recordava-se das mais pequenas minucias, tentando reconstituir o passado e pedir perdão ao filho da acção que praticára. O remorso tinha-lhe envenenado toda a existencia; não se capacitando nunca que elle jámais voltasse.

O bondoso prior, amicissimo da casa, que chegára havia pouco, vendo-o tao constrictado, chamava-o á realidade da vida com palavras de resignação e conforto.

— Resignemo-nos, murmurava suspirando a tia mais idosa; tambem eu perdi o meu filho, tenente d'artilharia. Lembra-se não é verdade, da sua figura varonil e airosa, grande bigode preto que nem uma amôra? E todavia não deixei de vir festejar o nascimento do Redemptor com a pouca familia que me resta.

— Deligencia distrahires-te, dizia-lhe ternamente a esposa apresentando-lhe o filho ainda de collo; olha como o nosso cherubim está hoje encantador!

Balthazar vendo a creança estender para elle os seus rosados bracinhos, não se conteve e n'um amplexo enlaçou o filho e a mãe murmurando:

— Não estejam desgostosos, isto passa, é sómente pesar, de o não ter aqui... e duas lagrimas lhe rolaram pelas faces.

O irmão, homem ainda bem conservado, teve de repente uma ideia genial e, tocando no hombro de Balthazar:

— E se nós fossemos, para entreter, a uma partidassinha, não acceitavas?

— Acceito, disse Balthazar já um pouco mais animado.

Os convivas já lhe sabiam o fraco, quando o queriam vêr satisfeito era tocarem-lhe na corda sensível.

Em seguida, tomaram logar na mesa do jogo e encetaram a manilha.

A um canto da janella a filha mais velha, a Anica; conversava sorratamente com o primo Alexandre, que lhe andava fazendo uma córte assidua e que ella acceitava com immenso prazer. Fazendo roda, as tias e mais senhoras contavam historias dos seus tempos.

Cerca das tres horas da tarde, o rodar d'uma carruagem, parando á porta, fez com que todos se levantassem como movidos por uma molla.

Quem seria a visita inesperada?... era a pergunta que circulava de boca em boca.

Entreabriu-se a porta, um trintanario cheio de importancia subiu as escadas vagarosamente, levando na mão um bilhete que apresentou a Balthazar; este mal o acabou de lêr, correu para o trem, seguido por todos de casa, curiosos de saber quem seria a inesperada visita.

— Será verdade, não esqueciste o teu pae!... exclamava Balthazar. Filho vem a meus braços e dizendo isto estreitou anciosamente, por largo tempo, um homem ainda novo, de bigode preto, cabello encaracolado, elegantemente vestido.

— Meu pae, disse commovido o recémchegado, escolhi este solemne dia para vir pedir perdão

das offensas que lhe fiz e ao mesmo tempo a benção para sua neta.

Ao pronunciar estas palavras, chamou uma linda menina que sahira da carruagem na companhia d'uma senhora de rara formosura.

— Sejam todos bemvidos a esta sua casa, não calculam a alegria que vieram dar-me, dizia Balthazar, cumprimentando respeitosamente a recémchegada e beijando muito a netasinha.

Virando-se de novo para o filho, continuou commovido:

— Tu é que me deves perdoar, pois fui eu o unico culpado; se soubesses o que tenho passado, as torturas que tenho sofrido!... mas, enfim, voltás-te e não mais te separarás de mim, não é verdade? O passado acabou, volta de novo a alegria e a ventura!... pelo que vejo fizeste fortuna, e eu mortificado julgando que talvez passasses privações. Cheguem-se... venham todos... todos, vê o que julgavam perdido e que hoje, finalmente, aperto d'encontro ao coração! Estava completamente doido d'alegria.

— Então não sobem, dizia a esposa, que ficara na alta varanda de pedra, subam, e foi esperar os recémchegados para os conduzir ao interior da habitação, enquanto os convidados não se cansavam de os mirar com grande curiosidade.

Entretanto Balthazar dava ordens. Chamou o caseiro, ordenando-lhe que fosse dizer ao sacristão que repicasse os sinos, dei-

tasse tres girandolas de foguetes e fosse chamar a philarmónica da terra, e, reparando na carruagem, continuou:

— E' preciso dizeres ao cocheiro que póde metter o trem e os animaes na cavallaria grande, ouviste, José?

— Sim, meu patrão, respondeu o caseiro, partindo a cumprir as ordens.

... ..
Era enorme a confusão. A gente da aldeia, atrahida pela musica e foguetada, agglomerára-se toda em frente da casa, para vêr os recémchegados.

Balthazar, na companhia do filho, agradecia da janella as demonstrações de regosijo dos que lhe conheciam o filho de pequenino, mandando-lhes distribuir dinheiro, comida e vinho á descripção. Queria que todos n'aquelle dia compartilhassem da sua felicidade.

Uma criada, de seu avental branco, veio annunciar:

— O jantar está na mesa. Todos se dirigiram para a vasta mesa adornada, tomando os seus logares. Balthazar, assumindo a presidencia, tendo á direita o filho, exclamou:

Ha males que veem para bens. Aquelle jantar ficou memoravel a todos que a elle assistiram.

24-12-904.

Gustavo Christino.

AOS SRS. ASSIGNANTES

Ao terminar com este n.º o 27.º vol. e anno do OCCIDENTE, enviamos as Boas festas aos nossos assignantes, e esperando que continuarão a coadjuvar-nos na missão que ha vinte e sete annos nos impozemos, repetimos os nossos agradecimentos.

Caetano Alberto.

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes o frontespicio, indice e capa de papel do presente vol.

E' tambem gratis para os srs. assignantes o Supplemento Brinde: Immaculada Conceição, copia do quadro de Murillo.

O supplemento avulso custa 200 réis e com o numero, 320 réis.



O GIGANTE

Como já tivemos occasião de informar os nossos leitores é este o melhor aparelho fallante até hoje conhecido e voltamos a declarar novamente que é sem contestação alguma o mais completo, aperfeiçoado e nitido, em som, por isso que em nada fere o ouvido e antes, é agradável e d'uma magnifica sonoridade.

Quanto mais vezes o ouvimos melhor nos parece, ao contrario do que acontece com outros instrumentos de genero semelhante que, além de serem fastidiosos e d'um som estridente e sem illusão alguma, chegam por vezes até a causarem dôres de cabeça.

E' bem verdade o que dizemos e comnosco certamente estarão todos os amadores de bom gosto e portanto, recommendando mais uma vez O Gigante cumprimos um acto de justiça que ao mesmo tempo deve ser bem accete por todos os que quizerem gosar um bocado de boa e agradável musica.

E' unico representante d'O Gigante a casa

SANTOS DINIZ — 50, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 52

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes
DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO
Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS: Senhoras — ás 10 horas da manhã
Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 4.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO



Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor- das def. nasas,
clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

Vierling & C.ª — LIMITADA

Cambio e popéis de credito

44, Rua do Arsenal, 46 — 1.ª Praça do Municipio, 2
LISBOA

Telephone 611 — Endereço telegraphico STERLING — LISBOA

PINHEIRO MARTINS

JOALHEIRO DA FAMILIA REAL
279, Rua Aurea, 279 — LISBOA

Grandioso sortimento de objectos de Joalheria chic os mais recentes modelos, e as maiores novidades, recentemente recebidas de Paris, Londres, e Berlim, em ouro, platina, ouro e platina, e prata, com pedras preciosas, taes como Perolas, Brilhantes, Esmeraldas, Rubis, Saphiras, Opalas, Coraes rosa, e Onix, caprichosamente facetadas obdecendo ao rigor da moda. Variadissimo sortimento de lindos objectos proprios para brindes de senhoras, covalheiros e creanças, predominando os esmaltes em tudo, de cuja especialidade em obras d'arte esta Joalheria tem o exclusivo. Frequentemente se recebem do estrangeiro, as phantasias mais caprichosas que se fabricam.



PARIS EM LISBOA
CHIADO 77

E' a casa de MODAS que
melhor sortido apresenta
em artigos bons elegantes
e de luxo
PREÇOS RECOMMENDEAVEIS
E FIXOS

**LE DICTIONNAIRE
DES SIX LANGUES**

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal





IMMACULADA CONCEIÇÃO
QUADRO DE MURILLO

